

O PAPEL DA AGROINDÚSTRIA COMO AGENTE NA MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA NO CERRADO

Damiana Pereira de Sousa

Resumo

As concepções de Complexo Agroindustrial apresentadas na literatura acerca do tema e o diálogo com autores que tratam da modernização e seus significados é o objetivo deste trabalho. Além disso, foram realizadas algumas observações em campo com o intuito de contribuir com o estudo. Assim, percebeu-se certo consenso na literatura analisada acerca das transformações que ocorreram no setor agrícola brasileiro nas últimas décadas, de que o processo de modernização da agricultura teve início na década de 1950 e se deu pelo processo de importação dos meios de produção, sobretudo, as máquinas agrícolas. Com tudo, com a implantação de um setor industrial voltado para a produção de produtos advindos da agricultura, ocorre paralelamente a modernização e o desenvolvimento em escala nacional, de um mercado para os produtos do sistema agroindustrial. Desse modo, o termo Complexo Agroindustrial tem sido utilizado para explicar as articulações entre o setor agrícola e o industrial na agricultura brasileira.

Palavras-chave: Complexo Agroindustrial, Modernização, Agricultura, Cerrado.

Abstract

The concepts of Agroindustrial Complex presented in the literature on the subject and the dialogue with authors that deal with modernization and its meanings is the objective of this work. In addition, some observations were made in the field in order to contribute to the study. Thus, there was a certain consensus in the literature analyzed about the transformations that occurred in the Brazilian agricultural sector in the last decades, that the process of modernization of agriculture began in the 1950s and occurred through the process of importing the means of production, , agricultural machinery. However, with the establishment of an industrial sector focused on the production of agricultural products, there is a parallel to the modernization and development on a national scale of a market for agroindustrial products. Thus, the term Agroindustrial Complex has been used to explain the articulations between the agricultural sector and the industrial sector in Brazilian agriculture.

Keywords: Agroindustrial complex, Modernization, agriculture, thick.

Introdução

A intenção deste trabalho é discutir as concepções de Complexo Agroindustrial apresentadas na literatura acerca do tema e dialogar com autores que tratam da modernização e seus significados, como esta se deu no campo e seus usos, e por fim relacionar características observadas em campo, apresentadas em palestras ministradas durante as aulas da disciplina Agroindústria e Modernização da Agricultura no Cerrado, ministradas pelo professor Ronan Eustáquio Borges, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás.

Nesse sentido, percebeu-se certo consenso na literatura aqui analisada acerca das transformações que ocorreram no setor agrícola brasileiro nas últimas décadas, de que o processo de modernização da agricultura teve início na década de 1950 e se deu com a importação dos meios de produção, sobretudo, as máquinas agrícolas.

Com a implantação de um setor industrial voltado para a produção de produtos advindos da agricultura, ocorre paralelamente a modernização e o desenvolvimento em escala nacional, de um mercado para os produtos do sistema agroindustrial. Assim, constatou-se que ficou conhecido por modernização da agricultura. Sendo assim, o termo Complexo Agroindustrial tem sido utilizado para explicar as articulações entre o setor agrícola e o industrial na agricultura brasileira.

Neste ensaio, faz-se uma análise de autores que apresentaram estudos sobre a temática, tais como: Müller (1989), Graziano (1991), Mazzali (2000) entre outros. No que diz respeito ao conceito de modernização apresenta-se as análises de Castilho (2010), Ribeiro (2003), Pires (2009) entre outros.

Agroindústria e Complexo Agroindustrial (CAI): Uma breve revisão bibliográfica

Dos autores que tratam à temática agroindústria e Complexo Agroindustrial (CAI), podese inicialmente apresentar os estudos de Müller (1989), que apresenta uma grande contribuição para a construção do conceito, com inúmeros estudos realizados sobre tal complexo no Brasil, mostrando como se deu o processo de modernização agrária neste país. Inicialmente esse autor aponta que as relações entre indústria e agricultura passaram por transformações notáveis em meados dos anos de 1960, evidenciando que as agroindústrias cresceram por serem consumidoras de produtos advindos da agropecuária e assim surgem novas agroindústrias de grande porte ligadas ao mercado internacional.

Conforme o autor no final da década de 1970, as relações indústria e agricultura apresentavam um elevado grau de integração e essa integração não se deu às margens das relações entre as grandes empresas, os grupos econômicos e o Estado. Esse processo de integração indústria-agricultura para Müller é designado de Complexo Agroindustrial. Desse modo, ocorre uma dupla dependência destas atividades implicando mudanças no padrão agrário. Diante disso, o padrão agrário se constitui em forma de Complexo Agroindustrial, se destingindo do padrão agrário latifúndio-minifúndio que predominou por cerca de um século no Brasil.

Müller constata que a acumulação de capital industrial que ocorreu no país passa a revolucionar o comércio e as comunicações, o que acelera a dependência da agricultura, e é possível perceber um esforço de aplicação da ciência moderna na mesma. O avanço industrial, especificamente dos anos 1960 e 1970 podem ser caracterizados como aquele que substituiu as importações. O impacto disso no CAI foi à substituição de importações de parcelas significativas de fertilizantes e defensivos agrícolas.

Mas afinal o que é um Complexo Agroindustrial? Para Müller (1989) o CAI “pode ser definido como um conjunto formado pela sucessão de atividades vinculadas à produção e transformação de produtos agropecuários e florestais”. Tais atividades são interdependentes, porém assimétricas, devido ao fato de algumas possuírem maior grau de importância na reprodução do CAI. Para o autor em outros termos o CAI pode ser entendido como:

É uma unidade de análise do processo sócio-econômico que envolve a geração de produtos agrícolas, o beneficiamento e sua transformação, a produção de bens industriais para a agricultura, os serviços financeiros, técnicos e comerciais correspondentes, e os grupos sociais. (MÜLLER, 1989, P.46).

Segundo o autor a definição acima é uma das tantas dadas ao termo *agribusiness*, pois os autores norte-americanos, John Davis e Roy Goldberg o definiram dessa forma. Ao analisar a gênese e a expansão do Complexo Agroindustrial no Brasil, o autor inspirou-se nas noções de *agribusiness*. Porém, destaca que no Brasil é importante evitar esse tipo de viés e focar na constituição histórica do termo. O autor simplifica o termo CAI na medida em que aponta que o mesmo é apenas um nome substituto do modo de tratar a agricultura segundo as funções que ela cumpre no processo de desenvolvimento econômico e social.

Pode-se constatar a partir da leitura de Müller que nas décadas de 1960 a 1980 houve profundas mudanças no modo predominante de produzir, a agricultura brasileira transitou do modelo tradicional para o moderno, que combina insumos e serviços industriais com terra e

trabalho. E a adoção do CAI retira da agricultura sua centralidade. Conforme o autor o CAI se diferencia de outros complexos de atividades pelo fato de levar em consideração a agricultura, e a terra como mercadoria especial.

Caracteristicamente, o CAI é uma unidade de análise na qual a agricultura se vincula com a indústria de dupla maneira: com a indústria de máquinas e insumos que tem na agricultura seu mercado e com a indústria processadora beneficiadora de matérias-primas agrícolas. A primeira pode ser designada de indústria para a agricultura, e a segunda de agroindústria. Na medida em que há uma forte interdependência entre agricultura e indústria para a agricultura, verifica-se um processo de industrialização da agricultura; e na medida em que há uma forte interdependência entre agricultura e a indústria beneficiadora e processadora, verifica-se um processo de agroindustrialização. Chama-se de modernização (tecnológica) agrária a interação entre industrialização do campo e agroindustrialização. (MÜLLER, 1989, P.61 e 62).

Desse modo, pode-se compreender que para o autor, o Complexo Agroindustrial seria um espaço configurativo, de representação das relações intersetoriais indústria-agricultura-comércio.

Também Graziano (1991) trata a temática em questão e inicialmente apresenta uma vasta discussão sobre *agribusines*, agroindústria e cadeias *filiéres*, evidenciando como estes temas já foram bastante tratados pela literatura. No Brasil Graziano assegura que é possível perceber a passagem de complexo rural ao Complexo Agroindustrial. Para isso é necessário um padrão biotecnológico acompanhando a dominância do capital. Para o autor o termo Complexo Agroindustrial também deriva de *agribusiness*. Todavia, é interessante notar que o autor faz um estudo mostrando como o tema foi sendo discutido e evidencia as transformações que ocorreram durante o processo. Destaca os trabalhos da escola de Harvard que traz uma detalhada revisão bibliográfica da literatura sobre *agribusiness*. Destaca também autores como: Davis & Goldberg (1957), Malassis (1973), Bertrand (1982)¹ entre outros.

Graziano aponta que Malassis enfatizou a dimensão histórica, situando o Complexo Agroindustrial como característico da etapa do desenvolvimento capitalista em que a agricultura se industrializa, ou seja, para o referido autor o setor agroalimentar compreende quatro subsetores, que são: o das empresas (indústrias a montante), o agropecuário, o das indústrias agrícolas (indústrias a jusante) e o de distribuição de alimentos. Desse modo, o conjunto desses quatro setores e suas relações forma o que Malassis (1973) chamou de setor agroalimentar. E esse setor se distingue em dois subsetores: o agroindustrial e o de distribuição agroalimentar. Graziano reitera

¹ O autor reitera que considera esse texto, apesar de nunca ter sido publicado, por ser um dos precursores da noção de complexo que ele utiliza.

ainda que Malassais (1973) destaca a importância de analisar os fluxos e os encadeamentos por produto dentro desses subsetores, para isso se apropriou da noção de *filière*.

O autor destaca ainda o pensamento do grupo de Montpellier, focando no clássico trabalho de Kautsky (1980), o qual evidencia a gradativa subordinação da agricultura sobre a indústria, pois a indústria é a mola da evolução, não só da sua própria, mas também da evolução agrícola. Reitera que na análise de Bertrand (1982), são enfatizadas as relações de interdependência entre agricultura e indústria.

Vale notar que Graziano enfatiza que o trabalho de Kostas Vergopoulos (1985) coloca em pauta o debate em torno da validade e utilidade das noções de *agribusiness*, sistema agroalimentar e Complexo Agroindustrial como conceitos que visam dar conta das novas relações entre a base agrícola e o resto da economia em uma fase histórica do desenvolvimento capitalista. Para esse autor, “esse tipo de integração teve uma consequência inesperada que foi a perda da autonomia e da identidade da agricultura”.

No que diz respeito aos Complexos Agroindústrias e suas implicações no Brasil, Graziano (1991) destaca que é necessário distinguir dois usos que se têm feito do termo, o primeiro inspirado nos conceitos de *agribusiness*, o complexo – CAI e a outra abordagem é oriunda do conceito de complexo rural, refere-se aos vários complexos agroindústrias, os CAIs. Ambos visam enfatizar as mudanças nas relações entre a base agrícola e o restante da economia, que vem ocorrendo no Brasil desde o final da grande guerra, o que segundo o autor ficou conhecido como o processo de “modernização conservadora” da agropecuária brasileira.

Conforme Graziano (1991) um autor pioneiro na utilização do termo “Complexo Agroindustrial” no Brasil é Alberto Passos Guimarães² evidenciando como a agricultura foi de fato se relacionando cada vez mais com a indústria (a montante e a jusante), o que derivou a chamada “tesoura de preços”, essa tesoura funcionaria da seguinte forma:

Para trás, a agricultura se relaciona com uma indústria fortemente oligopolizada que consegue impor preços aos insumos adquiridos pelos agricultores, e, para frente, com a agroindústria processadora, também oligopolizada, que tem ligações específicas com os agricultores e que é dispersa no espaço, o que lhe confere um poder monopsônico na compra de matéria-prima, estabelecendo não só preços, mas também o tipo de padrão dos produtos. (GRAZIANO, 1991, P. 76).

² As principais obras que tratam da temática foram publicadas em 1976 e posteriormente em A crise agrária publicado em 1979. Esse autor também é citado por Mazzali (2000).

Para o referido autor, o conceito de industrialização de Guimarães não é outro se não a subordinação da agricultura à indústria, o que se concorda aqui, indo de encontro ao clássico pensamento de Kaustsky (1980). O autor reitera que para Guimarães, o setor agrícola se transformou em um elo intermediário entre os setores que produzem insumos e processam as matérias primas. Guimarães considera “essa integração e a conseqüente transformação da base técnica dos produtos uma “perversidade” da indústria, “roubando” o lucro e a renda das terras dos agricultores integrados”.

Sobre esse relacionamento da agropecuária moderna com os demais setores da economia, Graziano se atenta para outros autores que também vem utilizando o termo “Complexo Agroindustrial” como: Müller (1982) e Delgado (1985), “vêm na modernização da agricultura o fator que acelera e prepara a base do seu desenvolvimento capitalista”. Sendo assim, para esses autores o que é relevante desse processo é o fato de haver uma integração de capitais e não apenas a integração técnico-produtiva, ou seja, o que constitui o CAI.

Esses autores se atentam para a figura do Estado nessa conjuntura, Müller (1982) aponta que o mesmo se torna um agente que converte a parte do capital social na agricultura em capital em geral, sendo aquele que faz a planificação dos lucros. Delgado (1985) salienta que o CAI brasileiro “opera como se tivesse totalmente integrado verticalmente, com uma cabeça financeira que é o Estado”. Nesse sentido, o autor faz uma análise profunda do CAI brasileiro destacando autores que desenvolveram estudos acerca da temática e que fizeram críticas à noção de Complexos Agroindustriais.

Diante da análise desenvolvida o autor constata que o uso abusivo do termo “complexo” tem provocado muita controvérsia na literatura econômica brasileira, reiterando que essas críticas se devem ao pouco esforço analítico e conceitual dos autores brasileiros e que há toda uma literatura concentrada no esforço de operacionalizar a ideia de Complexo Agroindustrial aplicada a economia brasileira, destacando o grupo de autores ligados ao Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IEI/UFRJ e os ligados ao Instituto da Universidade Estadual de Campinas – IE/UNICAMP.

Graziano explica que a noção de complexo agroindustrial que utiliza é “fundamental a ideia de que eles são o resultado de um processo histórico específico”, e funcionam em duplo movimento, de dentro a ação das forças sociais, políticas e econômicas e de fora, pela ação do Estado através de políticas públicas, buscando contribuições das abordagens neocorporativistas. Por fim, mostra como a noção de complexo pode ser utilizada.

Abre-se uma nova agenda de investigação, agregando-se essa dimensão política à noção de complexo: uma “orquestração de interesses” em nível *meso* privilegia como vimos à ação do Estado e das organizações de interesses na explicação de suas dinâmicas diferenciadas. Mas não só isso: os processos de tomada de decisão e os mecanismos de ação coletiva dos grupos privados também passam a merecer lugar de destaque nessa nova agenda, assim como o papel das distintas organizações e instituições públicas e privadas ... Essa noção de complexos nos permite ainda recuperar a importância dos estudos de caso sem perder a dimensão maior da concentração de interesses que a implementação das políticas públicas exige nas sociedades capitalistas modernas. (GRAZIANO, 1991, P.103).

Nesse contexto, Mazzali (2000) também aponta que no Brasil a constituição do CAI de fato se acelerou, a partir da segunda metade dos anos 60, devido o processo de modernização da agricultura brasileira. Para ele, o processo de consolidação das relações agricultura-indústria tanto a montante (ou “para trás”), com as máquinas e insumos específicos, quanto à jusante (ou “para frente”), com a agroindústria processadora, pode ser tomado como modelo pelo qual ocorreu a modernização da agricultura em nosso país. Segundo o autor, as abordagens dos principais autores brasileiros sobre o processo de modernização da agricultura, estão centradas na noção de CAI, visando “ênfatisar uma mudança nas inter-relações entre o setor agrícola e o resto da economia” vejamos em suas palavras:

A idéia central é que o padrão de modernização que caracterizou o período de 1965-1980 tem como elemento-chave a presença cada vez mais importante da relação entre agricultura e indústria tanto “para trás” como “para frente”. O complexo agroindustrial constituir-se-ia, nesse contexto, em ferramenta válida para a compreensão do processo de modernização, assentada na hipótese de que não é mais possível explicar a agricultura de forma isolada das outras atividades. Não obstante as peculiaridades do referido setor, a compreensão de sua dinâmica, e mesmo do caráter heterogêneo de seu desenvolvimento, deve considerar a dinâmica das outras atividades e a forma de sua articulação com elas. (MAZZALI, 2000, P.25).

Sendo assim, o autor apresenta os elementos que deram conformação ao modelo de modernização via complexo agroindustrial, que marcou o setor dos anos 60 até 80. Sobretudo, nos anos 90 são introduzidas as transformações econômicas, que por fim acabaram por provocar o esgotamento do setor e modifica o cenário da modernização via CAI. Para Mazzali os elementos que dão conformação ao CAI são: um dado padrão de desenvolvimento tecnológico, que teve como referência os princípios da Revolução Verde, um estilo de inserção da agricultura brasileira no mercado internacional e um determinado “perfil” de atuação do Estado. O Estado atuando como financiador e articulador.

Portanto, a constituição e consolidação do CAI segundo o referido autor, resultaram na conformação de uma nova categoria de agregação, que integrou interesses posicionados no âmbito

da agricultura em si e dos setores industriais produtores de insumos e equipamentos para a agricultura e para a indústria processadora de produtos agrícolas. Vale reiterar que para Mazzali esse processo de modernização não homogeneizou o espaço e nem tampouco mudou o aspecto social da agricultura brasileira.

O autor ainda identifica e situa, de forma ampla, a natureza e a direção das estratégias que passaram a marcar o comportamento dos agentes econômicos, a partir dos anos de 1980. Evidenciando a formulação das formas de organização das empresas como resposta ao novo cenário, pois, a partir da década de 80, desencadearam-se transformações que alteraram o cenário das décadas de 60 e 70 e se destacaram nos anos 90. Transformações em âmbito econômico e tecnológico. Com essas transformações o autor destaca que ocorreu uma desarticulação e imobilização da figura do Estado, pois ocorreram mudanças no âmbito da estrutura do gasto público e do aparelho estatal. À vista disso, o autor afirma que houve nesse momento uma crise no processo de desenvolvimento via CAI e a perda do poder explicativo do conceito. Com isso, ocorre a emergência de uma reestruturação que conduziu a um quadro de maior flexibilidade.

Mazzali (2000) destaca que internamente as grandes empresas visando aumentar a flexibilidade, buscaram concentrar os investimentos nas fases e atividades que permitissem uma melhor forma de utilização das técnicas e que proporcionassem o controle da produção e também buscaram reduzir a estrutura organizacional, sobretudo, no que diz respeito à redução de níveis hierárquicos.

Isto posto, o autor trata em suas abordagens o processo de reorganização sob dois seguimentos, o da cadeia soja/óleos/carnes e o da agroindústria citrícola. E por fim expõe uma síntese das principais características das novas configurações organizacionais e apresenta o conceito de organização “em rede” como um possível instrumento analítico para a compreensão da dinâmica agroindustrial recente no Brasil. Diante disso, o autor constata que o complexo agroindustrial é insuficiente para apreender as articulações entre os agentes.

Marafon (1998) também fez análises sobre as relações que se estabeleceram entre o setor agrícola e industrial e a noção de complexo agroindustrial no Brasil. Desse modo, constata que parece haver certo consenso na literatura existente sobre as transformações que ocorreram no setor agrícola brasileiro, principalmente a partir da década de 1950. No entanto, somente a partir da década de 60 é que foi implantado no Brasil um setor industrial voltado para a agricultura.

Desse modo, conforme o autor começa o processo de modernização da agricultura no Brasil, ocorrendo modificações significativas nos modos de produzir. Nesse sentido, o autor faz uma análise com base em diversos estudos desenvolvidos sobre a temática e foca nos que tratam

diretamente as relações entre agricultura e indústria e a formação dos complexos agroindustriais. Sendo assim, o autor salienta que “o termo complexo agroindustrial tem sido utilizado para rotular articulações entre o setor agrícola e industrial que vem ocorrendo na agricultura brasileira”.

Marafon (1998) no intuito de fundamentar sua análise considera duas concepções que são propostas a partir do termo complexo agroindustrial. “Uma que é vista como parte de uma estrutura maior e conformada pelos complexos agroindústrias de toda a economia” “Macro” (MACHADO FILHO *et al*, 1996)” e a outra” aquela em que ele está associado à proposta da existência de vários Complexos Agroindustriais, “Micro” (KAGEYAMA *et al*, 1987). Conforme Marafon (2014) essas duas concepções são base das investigações de vários autores que abordam o tema e destaca a importância dos estudos desses estudiosos, tais como: MÜLLER (1981, 1982a, b,c, 1989c), KAGEYAMA *et al* (1987), KAGEYAMA & SILVA

(1988).

Nesse sentido, o autor salienta que pode-se sintetizar o conceito de complexo agroindustrial, inicialmente com a articulação intersetoriais entre agricultura e indústria, sendo a premissa básica para a consolidação do CAI. Tais relações analisadas na perspectiva das inovações tecnológicas, ocorrendo à inserção do setor agrícola na indústria, organizados nos dois extremos dos setores agroindustriais oligopolizados, o setor a montando e o setor a jusante da agricultura. No entanto, nesse processo a agricultura perdeu sua autonomia e acaba se subordinando a indústria, como já apontado pelos autores anteriormente analisados.

Assim como Graziano (1991) Marafon (1998) também cita o trabalho de Kautsky (1980), que evidencia em seu trabalho esse processo de união entre agricultura e indústria, realçando a subordinação da agricultura em relação a indústria, o que deu início ao processo de industrialização da mesma. Sendo assim, no Brasil a constituição do complexo agroindustrial se deu através da internalização das indústrias de máquinas, equipamentos e insumos e a modernização e expansão do sistema agroindustrial foi regulamentada pelas políticas estatais.

Segundo Marafon (1998) a constatação de que esse processo é recente no Brasil é destacado por todos os autores estudiosos da temática. Porém, há discordância entre os autores quando se trata das concepções da formação do complexo agroindustrial no Brasil, havendo duas, uma que provém do conceito de *agribusiness* que teve sua origem nos EUA e o de *filière* originado na França. A outra concepção parte do pressuposto da análise das transformações ocorridas na agricultura brasileira, originadas nos complexos rurais até os complexos agroindustriais da atualidade.

Vale destacar que Marafon (1998), diferencia o macro CAI do micro, para ele o macro corresponde a um espaço econômico que pode ser caracterizado pela homogeneidade da base

técnica, já o micro analisa as transformações do setor agropecuário a partir da existência dos complexos rurais e de sua decomposição. No macro CAI o Estado atua como gestor do processo de acumulação na agricultura e no micro complexo o Estado desempenha o papel fundamental na construção dos CAIs, visando atender a dinâmica da agricultura brasileira. Outro ponto importante que para Marafon (1998) diferencia o macro complexo do micro é a que no macro a agricultura não perde suas características em relação à indústria e no macro a modernização corresponde a uma etapa da industrialização da agricultura.

Dos autores analisados Müller apresenta concepções do macro CAI e Graziano do micro. Destarte, ambas as concepções consideram que as articulações que ocorrem entre a agricultura e a indústria resultam nos seguintes desencadeamentos - indústria para a agricultura - agricultura - indústria da agricultura. (MARAFON, 1998).

Pode-se constatar que a primeira concepção de Complexos Agroindústrias tem sua base na noção de *agribusiness*, que foi desenvolvida nos Estados Unidos por David & Goldberg (1957), para os autores o termo *agribusiness* pode ser entendido como:

A soma de todas as operações envolvidas no processamento e distribuição de insumos agropecuários, as operações de produção na fazenda, e o armazenamento, processamento e a distribuição dos produtos agrícolas derivados. (DAVID & GONDELBERG, 1957:2)

O termo *agribusiness* foi traduzido para o francês como *filière* o que pode ser constatado no trabalho de Malassis (1973) que aborda que a cadeia agroalimentar nada mais é do que um conjunto de empresas que estão envolvidas na produção agrícola e sua transformação.

Como se observa, há um esforço por parte dos autores em apresentar a noção de complexo agroindustrial e agroindústrias e como esse processo se materializou no Brasil. Vale ressaltar que, segundo Marafon (1998) para os autores aqui analisados e mais outros analisados por ele, a modernização e industrialização da agricultura e a formação dos complexos agroindustriais apresentam características distintas. No processo de modernização, ocorreram mudanças na base técnica da produção agrícola. No processo de industrialização, a agricultura transformou-se em um ramo de produção semelhante à indústria e conectada a outros ramos de produção. (MARAFON, 1998).

Desse modo, percebe-se que as reflexões desenvolvidas pelos autores mostram que o conceito de complexo agroindustrial foi se consolidando no Brasil a partir do processo de modernização do território brasileiro, se expandindo e se constituindo. Nesse contexto, torna-se pertinente a análise do conceito de modernização.

Modernização: seus significados, adjetivos, modernização no campo e usos

Conforme Castilho (2010) a modernização entendida a partir da perspectiva da expansão territorial apresenta dois sentidos principais, um envolvendo a infraestrutura econômica e outro envolvendo os aspectos políticos e ideológicos. Desse modo, o conceito de modernização para esse autor se torna abrangente por estar relacionado a um conjunto de transformações que se processam nos meios de produção e também na estrutura política, econômica e cultural de um determinado território.

Todavia, o autor reitera que a modernização não se refere única e exclusivamente, às transformações que se dão nos meios de produção e nas bases técnicas, pois envolve um conjunto de valores que surgem em uma determinada classe e se mostra com forte caráter ideológico. Essa classe (a burguesia), “não pode existir sem revolucionar os instrumentos de produção, e assim, as relações de produção e com elas, todas as relações em sociedade” (Marx e Engels, 1998, p. 13). Tendo como base esses apontamentos de Marx e Engels, Castilho explica que a modernização nesse sentido “se constitui uma representação teórica do processo de imposição das relações sociais de produção pelas classes hegemônicas” (Castilho, 2010, p. 128). Portanto, modernização é a expansão territorial do próprio modo de produção capitalista.

O autor apresenta as conseqüências do processo de modernização se baseando em estudos desenvolvidos por outros autores, tais como: Furtado (1974), Giddens (1991), Reis (1988), Andrade (1994), Braudel (1996) entre outros e constata que a pobreza, a concentração de renda e as desigualdades sociais são suas principais conseqüências. A modernização foi se efetivando a partir da expansão do modelo de produção capitalista pelos lugares, modificando e transformando as paisagens tanto rurais como urbanas.

No que diz respeito aos efeitos da modernização no campo, especificamente no cerrado, Ribeiro (2003) aponta que houve alterações paisagísticas decorrentes da introdução de novas formas e funções dotadas à agricultura brasileira, ocorrendo transformações rápidas e substanciais que levaram a adoção de técnicas modernas aplicadas à agricultura brasileira. Essas transformações causaram uma imediata reorganização do espaço rural, devido a novas funcionalidades colocadas pelo novo padrão de acumulação do capital. O processo é conhecido por modernização da agricultura e nesse sentido é possível perceber que os apontamentos de Castilho (2010), se confirmam.

Para a autora o processo de modernização da agricultura brasileira se deu em fases. Sinteticamente, pode-se verificar que se inicia no ano de 1950 e até 1955 ocorre um aumento no

uso de insumos importados, de 1955 a 1965 ocorre à implantação de indústrias para a agropecuária, de 1965 a 1975 dar-se a internalização de indústrias para a agropecuária, ou seja, verifica-se a industrialização da agricultura, o que permitiu a implantação de indústrias para a agricultura e o surgimento de agroindústrias oligopólicas. De 1975 a 1985 a autora aponta que houve a integração de capitais, o que imprimiu em um novo padrão agrícola, causando mudanças nas bases técnicas da produção agropecuária, que passou a ser comandado pelos complexos agroindustriais – CAIs. Vale reitera que autora se fundamenta em Graziano (1991). Nesse sentido, pode-se perceber que os complexos agroindustriais foram fundamentais para o processo de modernização do Brasil e especificamente do cerrado.

Ribeiro (2003) salienta que a consolidação do processo de desenvolvimento envolvia todos os setores da economia e o setor agropecuário teve um relevante papel nesse processo, através da articulação entre a agricultura e a indústria, que se deu por meio das políticas agrícolas. Destarte, a autora aponta que esse processo de modernização foi acentuando conseqüências, ao passo que as políticas agrícolas, sobretudo, o crédito rural, beneficiaram diretamente o setor industrial, além do setor agropecuário. O financiamento dos grandes produtores e dos produtos de exportação aqueceu as indústrias de máquinas, sustentando dessa forma o desenvolvimento do setor industrial. (RIBEIRO, 2003).

Em áreas de cerrado foram, segundo a autora, incorporadas ao instrumento técnico científico, resultando em uma agricultura altamente mecanizada, (“agricultura moderna”), isso devido aos aspectos físicos que essas áreas apresentavam, sendo propícia a modernização. No estudo de Ribeiro (2003) constatam-se os efeitos desse processo de modernização no município de Jataí – GO, município que segundo a autora apresentou todos os quesitos necessários a obtenção de recursos destinados à produção agrícola, o que resultou em mudanças significativas para o cenário produtivo do município. Tais mudanças ocorreram de forma rápida e intensa, modificando a paisagem, a organização sócio-econômica e as relações de trabalho.

Faoro (1992) já atentava para a questão da modernização e salientou que a mesma chega à sociedade por um grupo condutor que para se privilegiar, acaba privilegiando os setores dominantes que tinham como meta o progresso, sem se preocupar com os direitos dos cidadãos. Nesse sentido, para esse autor, no Brasil existem várias modernizações, que se expande pelos lugares, impondo drásticas conseqüências aos moradores desses lugares, por exemplo, a modernização urbanística, no Rio de Janeiro, que expulsou moradores pobres de suas casas sem direito a excesso a um juiz, a modernização médica, com a vacina obrigatória. (FAORO, 1992).

Desse modo, a modernização ocorrida na agricultura brasileira alterou a estrutura agrária e os pequenos produtores que não conseguiram se adaptar às novas técnicas de produção e não atingiram produtividade suficiente para competir com as grandes empresas agrícolas, acabaram se endividando com empréstimos bancários solicitados para a mecanização das atividades, tendo como única forma de pagamento à venda da propriedade para outros produtores, essa modernização também provocou o desemprego estrutural dos trabalhadores rurais, a modificação genética das plantas, que muitos setores da sociedade enxergam de forma cética a produção de produtos transgênicos, o uso demasiado de produtos químicos, tais como: os defensivos agrícolas e os agrotóxicos de modo geral e o aumento das áreas de cultivo, que agrava o desmatamento e atinge os ecossistemas diminuindo o ambiente natural, o que gera conseqüências para o planeta terra de modo geral.

Conforme Pires (2009), a modernização no Brasil pode ser chamada de modernização conservadora, termo que é amplamente estudado por este autor, sendo assim, foi criado um pacto político construído intencionalmente no Estado que foi o responsável por criar obstáculos ao acesso democráticos à terra por parte das classes sociais inferiores, e desse modo ao longo do processo de modernização as terras foram concentradas nas mãos de médios e de grandes produtores rurais. Esse pacto político, segundo o autor, se deu pelo fato da burguesia não ter forças suficientes para romper com os proprietários rurais e seu objetivo era manter o projeto de construção de uma sociedade capitalista. Assim, essa modernização impulsionou a economia do capitalismo industrial, no entanto, afincado em uma sociedade profundamente marcada pelo interesses dos grandes proprietários rurais, que criaram obstáculos para a distribuição democrática das terras, resultando na concentração fundiária.

Então, a modernização no Brasil, de fato, foi condicionada pelos interesses da burguesia nacional e internacional, implantando-se um padrão de capitalismo dependente, fixando os interesses conservadores. Assim, verifica-se que quando Castilho (2010) reitera que a modernização não se refere apenas as transformações que se dão nos meios de produção e nas bases técnicas, mas apresenta um forte caráter ideológico, isso se confirma ao passo das análises desses outros autores. Desse modo, no Brasil não há dúvidas de que os resultados obtidos pela modernização conservadora retratam o modelo de sociedade que estava sendo proposto.

Agroindústrias, complexo agroindustrial e modernização: características gerais e experiências de campo

A agroindústria é uma indústria nas relações com a agricultura, transforma as matérias-primas provenientes da agricultura e pecuária (agropecuária). Transforma a natureza e se apropria da mesma. É uma invenção humana que torna a natureza totalmente dominada. A agroindustrialização é a relação entre agricultura e a indústria e ocorre de duas formas, a primeira é quando a produção agrícola é captada por indústrias tornando os produtores apenas fornecedores, que devem obedecer aos padrões de produção preestabelecidos pelos compradores.

Assim, a agricultura incorpora aspectos específicos da organização do trabalho nas indústrias. A segunda agroindustrialização consiste no processo em que as relações agricultura-indústria se tornam muito intensas, e a dinâmica da agricultura passa a se dita pelas indústrias. O Cerrado é uma região de alta produtividade agrícola, apesar de existir alguns fatores limitantes, tais como, a infraestrutura física e os problemas como o transporte. Depois de entendermos como se deu o processo de modernização da agricultura até a formação dos Complexos Agroindústrias no Brasil, o professor da disciplina agroindústria e modernização da agricultura no Cerrado, Ronan Eustáquio Borges, conduziu a turma em dois trabalhos de campo.

O primeiro campo realizado ocorreu no dia 17 de maio de 2017, visita ao município de Morrinhos – GO, onde conhecemos a Cooperativa Mista de Produtores de Leite de Morrinhos – (Complem), que foi fundada em 1978 por um grupo de 200 produtores. Lá produzem 28 produtos. O Complexo Agroindustrial da Complem apresenta uma integração que possibilita maior estabilidade. Encontram-se mais de quatro mil associados, 750 colaboradores e 12 filiais. A cooperativa aponta como missão promover o desenvolvimento sustentável, social, econômico e tecnológico dos associados, em busca da excelência de forma permanente, praticando os princípios cooperativistas. No entanto, o objetivo principal da empresa é gerar lucros. Entre os associados, tem o pequeno, o médio e o grande produtor.

Pôde-se conhecer também o Sindicato Rural de Morrinhos, onde o presidente Vinicius Cândido (inclusive é um diretores da Complem) fez uma fala sobre o sindicato e sobre a região em si. Disse que o sindicato tem 370 associados, todos ligados à agricultura e pecuária. O objetivo é lutar pelos direitos dos produtores, por isso para ser associado tem que ser produtor rural, pequeno, médio ou grande produtor. Destacou que o maior problema para as agroindústrias no município é a sucessão familiar, apontou também que tem mais agricultor do que produtor de leite e que dos pequenos produtores a agricultura leiteira ainda é o carro chefe.

O que chama atenção na fala dele foi a respeito da força política que a agroindústria tem sobre o município. Pode-se assimilar com a fala do professor Adriano Rodrigues de Oliveira numa aula da disciplina, a qual ele destacou as políticas públicas para a agricultura, enfatizando, sobretudo, que essas políticas sempre foram forjadas para beneficiar o setor agrícola no Brasil e tem caráter eminentemente setorial. Segundo ele, o crédito rural subsidiado é o principal instrumento de política agrícola, o que favoreceu desde o início o processo de modernização da agricultura em nosso país e fortalece as agroindústrias nos municípios goianos, principalmente no sudoeste do Estado.

Na visita a Morrinhos – GO, pôde-se conhecer também o Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos, onde o professor Dr. Emerson Trogello, que é o coordenador do curso de agronomia do instituto, palestrou sobre o funcionamento do mesmo e das relações do meio acadêmico com as agroindústrias e com os produtores rurais, destacando que o instituto necessita fazer extensão, havendo 30 projetos de pesquisa e que precisa trabalhar mais com o social, para assim haver maior interação entre a academia e a sociedade.

E por fim, pôde-se conhecer à propriedade do senhor Joaquim Coelho de Moraes um pequeno produtor de leite, e percebeu-se em sua fala que os pequenos produtores de leite se tornam aprisionados às cooperativas, pois não trabalham com outros meios, só com o leite e os grandes produtores não ficam devido estarem envolvidos em várias atividades. Para o pequeno produtor o preço da ração para o gado muitas vezes é mais caro do que o leite. Há certa lógica de seduzir os pequenos produtores para tecnificar suas propriedades, muitos acabam se endividando, outros não, justamente por fugirem de dívidas, que é caso do pequeno produtor Joaquim Coelho de Moraes.

O segundo campo foi realizado no dia 26 de maio de 2017, visita à agroindústria Jalles Machado localizada no município de Goianésia – GO, a qual é destaque nas exportações goianas, está entre as empresas que mais exportam no Estado. Produzem etanol, açúcar, açúcar orgânico, energia, saneantes e levedura. Segundo Ferreira (2010), empresas como a Jalles Machado movimentam a economia da região onde estão instaladas, no entanto, provocam diversos impactos negativos, tais como: a sazonalidade na geração de empregos, a precarização do trabalho (no dia da visita percebeu-se que alguns trabalhadores estavam recolhendo tocos de cana, expostos ao sol), sistema de arrendamentos de terras, que “força” o proprietário a arrendar suas terras para as usinas, no caso se for um pequeno produtor não há praticamente lucro para ele, pois o pagamento está ligado ao tamanho da propriedade, ainda tem a questão da expropriação e o conseqüente êxodo rural. Sem falar nos diversos danos ambientais que essas empresas causam.

Assim, com os dois trabalhos de campo foi possível compreender que as agroindústrias possuem uma força política sobre os municípios, devido ao fato dos fixos das cidades estarem atrelados a circulação de mercadorias. Em Morrinhos, pode-se perceber que tudo gira em torno da Complem e em Goianésia da Jalles Machado. A dinâmica e as relações campo cidade são estabelecidas pelas agroindústrias e todas essas relações foram estabelecidas a partir da constituição e consolidação do CAI no Brasil.

Em síntese, falar em modernização da agricultura no Cerrado, tendo por base os trabalhos de campo, as palestras e aulas expositivas, é falar em um projeto enviesado nos interesses do modo de produção hegemônico, que impõe um desenvolvimento desigual no espaço geográfico, ou seja, entre os diferentes lugares, regiões, territórios, e entre as distintas classes sociais. Portanto, segundo Smith (1988), o pleno desenvolvimento entre os países, regiões do planeta, e entre as classes sociais, nunca será superado, enquanto o modo de produção capitalista for hegemônico, visto que, ele se assenta na exploração, competição, que tem como consequência as desigualdades sociais, riqueza de um lado e pobreza de outro.

Considerações Finais

Com este trabalho, pôde-se entender que a modernização da agricultura é resultado de um processo histórico do modelo de desenvolvimento do modo de produção capitalista, no setor agrícola e da pecuária, a partir da década de 1970. Isso se deu, por um lado, pelos interesses das instituições, organizadas pelos próprios produtores, e por outro, pela ação do Estado, através das políticas agrícolas adotadas. No Cerrado, o processo de modernização da agricultura ocorreu de forma intensa, principalmente no sudoeste do Estado de Goiás. E, hoje é uma região de alta produtividade agrícola, apesar de enfrentar alguns fatores limitantes, como, por exemplo: a infraestrutura física e o transporte. O transporte e os problemas logísticos afetam o preço final dos produtos e o fornecimento de insumos a preços competitivos para a agricultura.

Foi possível compreender que a tecnificação promoveu a migração forçada de milhares de famílias que viviam no campo para áreas urbanas. O processo de modernização conservadora da agricultura ocasionou uma diminuição bastante significativa da oferta de trabalho no campo. E, a partir da consolidação das agroindústrias surge uma nova organização espacial, e assim ocorrendo novas relações sociais e de produção.

Com as experiências de campo pôde-se verificar que a modernização da agricultura e a constituição e consolidação dos complexos agroindustriais no Brasil, provocou intensas transformação no espaço, nas relações sociais e de trabalho. Além disso, deve-se considerar que com a inserção de inovações tecno-científicas no processo produtivo agrícola, e também à implantação de políticas agrícolas implantadas pelo Estado, o Cerrado ganhou nova valorização e torna-se uma grande área produtiva. E, as agroindústrias apresentam grande força política nos municípios onde estão instaladas.

Bibliografia

ANDRADE, M. C. **Modernização e pobreza**. São Paulo: Unesp, 1994.

BERTRAND, J.P. Complexes et filières agroalimentaires: un essai de presentation genealogique et critique de ces notions. Paris, INRA/Université de Paris I - Sorbone. 1982.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: Século XV-XVIII**. O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 1996. V. 3.

CASTILHO, Denis. **Os sentidos da modernização**. Boletim Goiano de Geografia. V. 30; n. 02, p. 125-140, 2010.

DAVIS, Jonh H.; GOLDBERG, Ray Allan. **A conceptof agribusiness**. Harvard (EUA): Harvard University, 1957.

DELGADO, G. C. **Capital financeiro e agricultura no Brasil**. São Paulo. Ícone/Unicamp, 1985.
FAORO, R. **A Questão da modernização**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340141992000100002&script=sci_arttext.

FERREIRA, L. C. G. **A Evolução do Setor Sucroalcooleiro na Microrregião Ceres (GO): Dinâmica Espacial e Impactos Sócio-Econômicos**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GRAZIANO DA SILVA, J. **Complexos agroindustriais e outros complexos**. Reforma Agrária, v. 21, n. 3, p.5-34, 1991.

GUIMARÃES, A. P. **A crise agrária**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz a Terra, 1979.

KAGEYAMA, Angela (coord.). **O novo padrão agrícola brasileiro: do Complexo Rural aos Complexos Agroindustriais**. Campinas, s.n. 1987.

KAGEYAMA, A. & SILVA, J. G. **A Dinâmica da Agricultura Brasileira: Do Complexo Rural aos Complexos Agroindustriais**. Campinas, 1988. (mimeografado).

KAUTSKY, Karl. **A questão Agrária**. São Paulo: Proposta, 1980.

MACHADO FILHO, C.A.P. *et al.* **Agribusiness Europeu**. São Paulo: Pioneira, 1996.

MALASSIS, L. **Agriculture et processus de developpement**. Essai d'orientation pedagogique. Paris, Unesco, 1973.

MARAFON, Glaucio José. **Industrialização da Agricultura e Formação do Complexo Agroindustrial no Brasil.** *Geo UERJ*. Rio de Janeiro: UERJ, n. 3, p.7-21, jun., 1998. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/geografia/0006.html>. Acesso em: 15 de Julho de 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. 10. ed. Tradução de Maria Lucia Cumo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (Coleção Leitura).

MAZZALI, L. **O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização “em rede”**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000. (Coleção Prisma)

MÜLLER, G. **Complexo Agroindustrial e modernização agrária**. São Paulo: Hucitec, 1989.

PIRES, Murilo José S.; RAMOS, Pedro. **O Termo Modernização Conservadora: Sua Origem e Utilização no Brasil**. *Revista Econômica do Nordeste*. V. 40, n. 03, jul./set. 2009.

REIS, João Paulo. **Modernização do capitalismo brasileiro**. São Paulo: José Olympio, 1988.

RIBEIRO, Dinalva D. **Modernização da agricultura e (re)organização do espaço no município de Jatai-GO**. 2003. 96f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual Paulista – FCT. Presidente Prudente (SP). 2003.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço**. Tradução: Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

*Artigo recebido em 10/04/2019
Aprovado em 06/02/2020*

Como citar esse artigo:

SOUSA, Damiana Pereira. O papel da agroindústria como agente na modernização do cerrado. **Revista de Economia da UEG**. Vol. 15, N.º 1, jan/jun. 2019.